

O P E R A

DIRIGIDA AO GOSTO DO THEATRO

Portuguez,

I N T I T U L A D A

E N E A S

E M G E T U L I A .

Interlocutores :

*Jarba Rey de Getulia.**Eneas Capitaõ Troyano.**Araspe confidente de Jarba ,
amigo de Eneas , e amante de
Arminda.**Ufnida confidente de Eneas ,
anante de Silene.**Emilio Secretario do Rey.**Arminda Filha de Jarba, aman-**te de Araspe.**Silene Princeza de Carthago ,
amante de Araspe.**Chamariz criada de Dido , e
cativa de Arminda.**Calambuco criado do Rey.**Balandraõ criado de Eneas.**Soldados Troyanos.**Soldados Getuliõs.*

A Scena se figura em Getulia Reyno de Jarba.

ACTO I. SCENA I.

Gabinete ornado : haverá hũa cadeyra de respaldo , hum bo-
fete , com tinteiro , e papel.*Sabe Arminda.**Arm.* **Q**Uando , ó Pay ama-
do , a meu afflicto
coraçãõ darás alli-
vio : quando deixarãõ de terexistencia em meus olhos as
lagrimas , acompanhadas de
suspiros ? Oh nunca Cartha-
go te lembrára , e o conforcio

A de

de Dido te aborrecera , que assim não experimentára da paternal vista tão rigorosa auzencia ! Por ventura não sou eu da tua Monarchia hereditaria Princeza ? Sim, em mim te concederaõ os Deozes a successaõ dezejada ; e ainda emprendes tão aereo pensamento ? Ah , e quanto temo a tua desgraça ! Secretario ?

Sabe Emilio.

Emil. Que me ordenas ?

Arm. Quizera que antes que o Sol sepulte as suas reverberantes luzes, se conduzisse a Carthago huma carta.

Emil. Não póde haver duvida , na satisfacão do teu gosto. Oh quem pudera agradar-lhe ! *á parte.*

Arm. Retira-te em quanto escrevo.

Senta-se a Escrever.

Emil. Prompto te obedeço. Oh que excelsa formozura ! *á p. Vay-se.*

Arm. Ah ! tyranno pay , que pouco te recordas de huma amante filha ! *Escreve.* Nos caracteres , que te envio , *Fechando* conhecerás o quanto a tua auzencia me penaliza.

Sabe Emilio.

Emil. Soberana Princeza , dá

successo ao teu afflicto coração.

Arm. Mal poed rey reprimir a interna paixão , que me afflicte , em quanto desta carta a resposta me não chega.

Emil. E que prompto executára os teus Reaes preceytos , a não descobrir-se ao longe , a Regia Armada !

Arm. Que dizes ? *Levanta-se.*

Emil. Que he verdade quanto te manifesto.

Arm. Seja esta joya , ó Emilio , quem testifique a minha gloria. *Tira do peito hũa joya, e a dá a Emilio.*

Emil. Ah Senhora ! que quando tanto me premeyas, me usurpas a regalia de servir-te sem interesse ; e reconhecendo o meu pouco merito não sey se me affusta a tua liberalidade.

Arm. Emilio apressa os passos, vay ligeiro, corre, e tanto q o meu a mado pay a terra pize, immediatamente me aviza : pois quero anticipar a gloria, que tenho em possuí-lo , mostrando o prazer, que alcanço em recebê-lo.

Emil. Fiel te obedeço. Oh Ceos, ajuday os meus deznignios. *á part. Vay-se.*

Arm. Graças vos dou, ó Celestes Numes , por este não esperado contentamento : ah , e quanto dezejoza estou de
me

me ver já naquelles pater-
naes braços : e se virá victó-
riozo ! ah , os infantes, que
perco de vê-lo, me parecem
eternidades.

A R I A.

Qual afflicto passageiro,
Que no mais agreste monte
Suspira por achar fonte
Para a sede faciar :
Assim eu neste tormento
Em que estava suspirando ;
Mas agora a gloria achando,
Já desterrey o pezar. *Vay-se.*

SCENA II.

*Magnifico Palacio a meyo Thea-
tro ; para o fundo Marinha :
Nãos ao longe ancoradas , ef-
caleres , que conduzem os Sol-
dados Getulios, entre os quaes
virão os prizioneiros de Car-
thago : cujo desembarque se
fará ao som de hũa marcha
barbara : de hum Bergantim
Real sabirá Araspe , com Si-
lene , Usmida , e Chamartiz ,
que trarão cadeas ; Calambu-
co , e Jarba : e buscando este o
Palacio , lhe sabe ao encontro
Arminda, e Emilio.*

Jarb. Amada filha , vem aos
meus braços , prenda cara.
Em acção de abraçá-la.

Arm. Ah, que não esperado cõ-
tentamento ! Amado Pay, *A-
joelha* deixa que primeiro

nessa Regia maõ imprima ei-
tes meus labios.

Jarb. Levanta-te , doce affecto
da minha alma.

Emil. Dezejo-te, ó invicta Ma-
gestade , todas as ditas , que
os Deozes podem otorgar-te.

Jarb. Emilio , eu te agradeço a
demonstração do teu affecto.

Arasp. Eu me glorio, ó Prince-
za , daquella tranquillidade ,
que recebe essa alma , quan-
do de seu progenitor diviza
a face.

Arm. Araspe , da tua fidelida-
de não menos se espera.

Cal. Mia fiora os Plinceza , for-
ga muito de veros taõ boni-
ta , e taõ flimoza.

Cham. E eu de a chegar a ver ;
tanto me peza. *á parte.*

Jarb. Emilio , a esses minimos
despojos do meu triumpho sir-
va de asylo a mais escura
malmorra , em quanto com
a morte não fatisfazem a mi-
nha ofensa.

Emil. Já parto a obãdecerte.
*Vay-se com huns, e outros sol-
dados.*

Arm. Esta , que admiro arraf-
tando cadeas , he de Cartha-
go a Rainha ?

Jarb. Ah, não mais me recordes
essa indigna, que por soberba
entre vorazes chammas ex-
halou o vital alento.

Sil. Ay de mim ! *á parte.*

Usm. Como me não uzurpais os

alentos, celestes Deozes! *á p.*
Arm. Que motivo a obrigou a
 tão violenta morte?

Jarb. A sua perfidia: abando-
 nou as minhas offrendas; e
 recuzou o thalamo, despre-
 zando o espozó: em fim, tan-
 to a ira soube provocar-me a
 perjura, que para lembrança
 de Carthago, só ficaraõ
 cinzas.

Cal. Mim forga munto, far bem
 feito.

Arm. Enaõ cedeo a sua constancia,
 vendo-se á desgraça propinqua?

Jarb. Naõ: mas eu impaciente
 já dos seus repudios, mando
 se abraze em vorazes cham-
 mas a Cidade, e quanto mais
 estas se ateãõ tanto mais con-
 tumaz a divizo.

Arm. Deozes, que Heroína! *á p.*
 Naõ terá a posteridade outra,
 que lhe iguale a constancia.

Jarb. Hum tyranno, que lhe as-
 sistia, Troyano de nação, da
 Cidade fiz retirar, conceden-
 do-lhe a vida por piedade,
 pois a teve rendida ao meu
 alfange.

Arasp. Temeraria, e perjura
 jaçtancia! *á parte.*

Jarb. Mandey recolher na Ar-
 mada essa, que pelo fangue,
 que nas veas lhe circula, de
 mim se faz aborrecida pois
 he irmaã da ingrata; e a esse
 falsario confidente da mes-

ma: essa criada, e mais des-
 pojós, para em tudo faciar
 parte da minha ira; pois ain-
 da naõ está satisfeita com o
 passado estrago.

Sil. Inimiga Patria, que deven-
 do ser mãy, fostes para mim
 madrastra! *á parte.*

Usm. Quem nunca te conhece-
 ra, ó mundo infame! *á parte.*

Sabe Emilio.

Emil. Já Senhor cumpri o teu
 decreto: e te faço avizo que
 ao porto chegaraõ varios Na-
 vios Estrangeiros, e entre el-
 les alguns destroçados.

Jarb. Ati pertence saber quem
 sejaõ; *para Emilio* e tam-
 bem te incumbo a custodia
 desses infames; para que em
 diffintos carcereos se lhes du-
 plique o martyrio.

Usm. Ah Senhor; assim te es-
 queces da minha fidelidade?

Jarb. Já em outra occasião te
 quiz dar o mesmo premio,
 por ser o mais condigno ao
 teu merecimento. Emilio
 parte.

Arasp. E consentes, ó Monar-
 cha, que esta infeliz formo-
 zura, sem mais culpa que o
 nascer desgraçada, pague
 com a vida o influxo das Es-
 trellas?

Arm. Oh tyrannia! *á parte.*

Jarb. Tudo he pouco para a
 minha vingança: nelles ex-
 tinguir

tinguir quero as memorias de Carthago.

Emil. Recordate, ó Soberano, da sua origem, não para que lhes des liberdade, mas sim para que infelizmente não percaõ a vida, em publico theatro, já que a sorte os dotou de excellento caracter.

Jarb. Delle se esquecerão para ultrajar-me: ah, que só o considerá-lo me está incitando a não affroxar o meu rigor, sem que veja extinctos esses indignos.

Arasp. Mas parece que Silene de nenhuma sorte te aggravou, quando, sendo tua prizioneira, te não fez opposição em Carthago.

Jarb. Sim, faciarão com as mortes a minha ira. Emilio parte.

Arm. Modera, Senhor, essa inquietação dos espiritos: que mais castigo póde excogitar a tua idéa? Asperas cadeas, em huns tenros braços! Ah, e não são dignos de compayxão aquelles objectos? deixa Senhor já por huma vez as vinganças; porque mais se realça o teu Regio ser com a clemencia.

Cal. Mi fioro não conhece os mãy Cremencia. *á part.*

Cham. Não se assimilha ao pay esta filha. *á part.*

Arasp. O perdoar he nos Soberanos acção tão nobre, que

nisto se fazem semelhantes aos Deozes.

Arm. Ah, meu Pay, que penetrante dor sentira o teu peito, se a Arminda visses naquelle estado!

Jarb. Se dominasse em ti hũa similhante especie de ingratição, até me gloria do teu castigo: em fim, para que vos deenganeis, que as vossas rogativas mais me incitaõ, do que me commovem, á vista dos vossos olhos, como Dido, serão queimados.

Sil. Ceos divinos, tende de mim piedade! *á part.*

Usm. Que barbaro coração! *á p.*

Arm. Repara, Senhor, no que fazes.

Arasp. Adverte, meu Rey, no que ordenas.

Emil. Lembra-te, Senhor, do que mandas.

Jarb. A palavra do Rey he decreto inviolavel.

A R I A.

Em iras estou ardendo,
Em furores abrazado,
Inda que se opponha o fado,
Meu rigor hei de cumprir.

E se os Deozes muito irados
Contra mim com furor vem,
Antes que a morte me dem
Meu intento hei de seguir.

Vay-se.

Cham. Ida faças tú, que fez o fumo. *á part.*

Arasp.

Araſp. Não confequirás, barba-
ro Rey, o teu dezignio. *á p.*

Arm. Suspende eſſas liquidas
correntes, que muito me cõ-
movo do teu infeliz deſtino;
mas poſto q̄ indomavel El-
Rey ſe moſtra, verey ſe com
a industria venço o ſeu con-
tumaz rigor.

Sil. Mal poderey contê-las,
quando vejo propinqua a mi-
nha morte, ſem que eu mo-
tivaffe tanto eſtrago; mas
ainda o Ceo me deixa algum
amparo na tua compayxaõ.

Arm. Secretario, dá execuçaõ
ao que o teu Rey determina.

Emil. Vamos infelices, os Deo-
zes ſe condoaõ da voſſa deſ-
graça: vem tú tambem. *pa-
ra Chamariz.*

Cham. Falla commigo?

Emil. Pois com quem hei de
fallar?

Cham. Como aqui eſtá mais
gente, podia ſer com outrem.
Entaõ que quer?

Emil. A tua ſimplicidade te deſ-
culpa: anda vamos.

Cham. Não quero ir, tenho dito.

Emil. Olá, tragaõ aquella cria-
da para ſer conduzida ao
carcere.

*Sabem dous guardas, e ao tem-
po q̄ vaõ a pegar em Chama-
riz, eſta foge para Arminda, e
ſe ſegura aos veſtidos da dita.*

Cal. Si ſioro, mim forga mun-
to. *á part.*

Cham. Senhora Princeza, con-
doa-ſe deſta rapariga; olhe, eu
quero ſervî-la, que já ſey
como ſe ſervem as peſſoas
Reaes: hora ande, mande
que eu não vá preza, pela
ſaude do ſenhor ſeu pay.

Arm. Emilio, deixa que eſta
criada fique em Palacio li-
berta.

Emil. Mas deſſa forte falto
aos decretos do meu Sobera-
no, a quem devemos invio-
lavelmente obedecer.

Arm. Baſta que eu o mande;
põr minha conta corre o deſ-
culpar-te: a meu pay dirás
que para miuha captiva a
deyxo.

Emil. Devo ſatisfazer-te. *Para
Arminda.* Vamos. *Para Uſin.
e Sil. e Vay-ſe.*

Sil. Ceos benignos lembrai-vos
da minha innocencia: de mim
tenaõ eſqueças, Princeza bel-
la. *Vay-ſe.*

Uſin. Oh quem pudera daquel-
le infame peyto arrancar o
coraçãõ! *á part.* Araſpe com-
move-te da minha deſgraça.
Vay-ſe.

Cal. Mim vay dipléſſa a ver ſe
eſtá já feyto os patibulo.
Vay-ſe.

Cham. Grãde goſto teria, ſe nel-
le foffes queimado. *á parte.*

Araſp. Só tú podes, ó excellã
Princeza, reprimir os rigo-
res de hum pay irado: Sim,
tú,

tú, a quem o Ceo enriqueceo de tantas virtudes, recopilando na tua alma toda aquella piedade, de que hũ Rey preciza: Sim, a elle recorre; communica-lhe parte da que te assiste, que nisto adquires para o futuro hũa fama eterna.

Arm. Ah, Araspe, que se viras o quanto memolestão aquellos infelices, e o que me penaliza observar no pay tanto rigor, naõ precizáras de me commover a compayxaõ. Eu farey os mayores excessos pela sua liberdade: tú naõ deixes tambem de implorar clemencia, que muitas vezes os mais chegados saõ meõs attendidos. Araspe, os Ceos te guardem.

Arasp. Elles conservem a tua vida para nosso descanto.

Arm. Vamos. *para Chamariz. e Vay-se.*

Cham. A quem devo a liberdade vou seguindo com presteza. *Vay-se.*

Arasp. Ah, e como differe a natureza, fazendo Arminda prototypos de piedades, sendo de Jarba filha!

Sabe Eneas, e Balandráo.

Oh lá Soldado, dize quem es, e quem procuras.

Eneas. Hum naufrago sou, que por fugir aos impulsos de hũ Deos irado, aportey nesta

região com outros Guerreiros filhos; prova de tanta infelicidade saõ os destrozados lenhos; e para se refazerem do perdido, busco neste Monarcha, amparo a tanta ruina.

Arasp. Ah, que neste gentil mancebo, Eneas se me apresenta. *á parte.* Dize-me Guerreiro, aonde he a tua patria?

Eneas. Afamigerada Troya me deo o nectar, e me envolveo nas mantilhas.

Arasp. Conheces Eneas!

Bal. Tam bem como a si mesmo. *á parte.*

Eneas. Como na pueril idade para Athenas me mandavaõ os meus progenitores, naõ tenho da patria algum conhecimento.

Arasp. Está bem, segue os meus passos; que ao meu Soberano os teus dirijo. Ah, naõ sey o que me vaticina este estrangeiro. *á part. Vai-se.*

Bal. Hora Senhor Eneas....

Eneas. Reprime a voz; o nome de Eneas entrega ao esquecimento; e só te lembre chamar-me Olinto: no occultar meu nome se estriba toda a minha Esperança.

A R I A.

Se o Ceo me quizer dar Favor, e feliz sorte,

Ve.

Verás que de Mavorte
 Alentos sey mostrar.
 Verá Jarba tyranno
 Qual he o meu alento ;
 E seu pezar violento
 O meu nome será. *Vay-se*
Bal. Hora , bem posso fazer de
 conta , que neste instante fi-
 quey sem amo : esta conse-
 quencia he certa ; porque se
 Jarba o conhece , requiescat
 in pace : e que hey de eu fa-
 zer pobre fraldiqueiro , entre
 tantos caens de filla ! uzar
 de alguma manha , com que
 vença estes cachorros ; mas
 elles faõ taes , que não fo-
 gem á pedrada ; antes se me
 daõ com a mirá do conheci-
 mento , têm ponto fixo para a
 descarga ; e cahirá sobre mim
 tanta munição de murros
 seccos , que me darão conta
 do cadaver : mas ay , que fin-
 to passos ! Estou tremendo ;
 ay , que ahi vem hum ca-
 chorro.

Sabe Calambuco.

Cal. Sioro ,.. huy no fala de mi
 Sioro huns blanco ?

Bal. Ay que he Calambuco ! q̃
 será de mim se me conhece ?

á part.

Cal. Que fazi vozo aqui sioro
 os blanco ?

Bal. Vossa mercê não vê o que
 eu faço , Senhor negro.

Cal. Vozo fá os malinheiro ?

Bal. Dar-se-ha cazo , que pare-

cendo-lhe cavallo , me queira
 esfolar o cachorro ! *á parte.*
 Sim senhor , sou Marinheiro.

Cal. Pouzi mi fioro os pleciza
 para os Náos dos corso.

Bal. Dize-me como se chama
 teu Senhor ?

Cal. Mi fioro chama-se os Jar-
 ba , fá fioro de toros os riabos.

Bal. Certo he , porque te tem
 por escravo : mas dize-me ,
 esse tal Jarba será hum , que
 assolou , e destruhio Cartha-
 go ?

Cal. Si fioro , e troce de lá huns
 menina taõ fimoza ! huns
 Plinceza , e outros homo.

Bal. Bello ! está feito o depoi-
 mento , e com bem pouco tra-
 balho. *á part.*

Cal. Vozo parece q̃ mingana.

Bal. Essa he boa , cá o homem ,
 não he capaz disso.

Sabe Chamariz.

Cham. Por mais que apressley os
 passos , não pude encontrar a
 Princeza , para dizer-lhe
 mas ay !

Bal. Oh menina , ficou suspenza ?

Cal. E a vozo isso que lhe im-
 porta ?

Cham. Tambem a ti , Calambu-
 co , não te importa reprehên-
 dê-lo : mas para livrá-los de
 contendas , fiquem como qué
 faõ , que eu como quem sou
 me despeço. *Querendo reti-
 rar-se.*

Bal.

Bal. O' vidinha, não se auzente; espere não se vá com tanta pressa.

Cal. Não deixa os seus pletinho, que tanto se aregra de veros.

Cham. Bem contra minha vontade fico: mas quero, por divertir-me, também ter meu passatempo.

Bal. Da sua bella prozapia não menos se esperava.

Cal. Os Chamarizo hes huns a somblo.

Cham. Esta-me parecendo este homem Balandráo escrito, e escarrado. *á part.* Não me dirá, meu menino, como se chama?

Cal. E que lhe importa a vozizo Chamarizo?

Bal. Arre com o cachorro como he ciozo. *á part.*

Cham. Ay Calambuco, o perguntar não offende.

Bal. Vossa mercê minha Senhora guarda respeitoos ao tal negrinho?

Cham. Deos me livre, antes, morte, que vergonha.

Cal. Mim lá munto offendido, e não queli fossê, ellas poucas vergoyas.

Bal. Se não estiveras á tua porta, não ladraras tanto, cachorro.

Cham. Ah Senhor, quem quer que he, accommode-se; e tú, Calambuco, se mais attento.

The na raiva, que ao preto tem, me parece o proprio. *á p.*

Cal. Mim are quebrarte os dentes.

Bal. Olha que se te lanço a mão do norueste, te faço ir ver as terras da Etiopia.

Cal. E mim are fazer de vozozos mirra dos Persia.

Cham. Assim se perde o meu respeito, descompondo-se á minha vista? São bem confiados; vou-me embora, que não os quero já soffrer.

A R I A.

São hūs nescios, são hūs asnos, Toleirinhos, toleiroens, Deixem-me aqui, asneiroens, Que os não quero já soffrer.

Assim se perde o decoro Desta minha personagem? Vai-te embora, q es salvagê, E tú ossó vay roer. *Vai-se.*

Bal. O' Chamariz, espera, não fabes que eu sou. . . . *Vai-se.*

Cal. Mim are matar esles viacos. *Vai-se.*

SCENA III.

Sala Regia com Throno, e hum assento razo.

Sabe Jarba, Araspe, e Guardas.

Jab. Araspe, que julgas desse estrangeiro?

Arasp. Que he politico, cortezaõ, e discreto.

Jarb. Vay; conduze-o á minha presença.

Arasp. Prompto te obedeço. *V.*

Jarb. Esta noticia, ó Deozes, me deixa vacillante! Nos mares de Getulia Estrangeiras quilhas! Ah, quanto as receyo!

Sabe Emilio.

Emil. A' tua presença, Senhor, me conduz o avizo, que me fizestes, de que nella me querias.

Jarb. Sim Emilio; vamos, que quero incumbir-te do que debes obrar no castigo desses indignos: pois quero que seja com promptidaõ exacta tudo executado. *Querendo partir.*

Sabe Araspe.

Arasp. O nobre Cômandante dessa destrozada Armada, para beijar-te a maõ licença pede.

Jarb. Eu lha concedo; e tú, Araspe, do meu lado te não apartes, para observares os seus movimentos.

Arasp. Em tudo, Senhor, serey vigilante. *Vai-se.*

Jarb. Emilio, parte depressa aos alojamentos: faze que toda a marinha se guarneça de grande numero de Soldados, e que estes não consintão o desembarque de hum só estrangeiro: e depois me busca, para te ordenar o que ha pouco te patenteey.

Emil. Que escuto! Jarba rece-

yozo? qual será o motivo da sua desconfiança? *á parte.* Vou, Senhor, a obedecer-te. *Vai-se.*

Jarb. Em quanto não vir privadas as vidas desses infames, tudo em mim saõ receyos.

Sobe ao Throno. Sabe Araspe, e Eneas.

Eneas. A teus pés, Excelso Monarcha, se acha hum infeliz; não disse bem, hum venturozo; porque a tua presença quando me priva da memoria as minhas desgraças, me faz possuidor das melhores ditas.

Jarb. Levanta-te; e dize o que de mim pertendes. Araspe, não divizas daquelle vil Eneas o semblante? *á parte para Arasp.*

Arasp. Bem com elle se equivocava. *á part. para Jarba.*

Eneas. Vassallo sou do Rey de Athenas, e, para gloria minha, General das suas Armas.

Jarb. Espera, occupa esse assento; e depois prosegue.

Eneas. Obedeço. *Sentase.* He este do grande Artebano Rey dos Partos amigo no mayor auge; e tanto, que a saltar-lhe a successaõ, que os Deozes guardem, nelle renunciaria o Reyno para sublimar mais os seus Estados.

Jarb. He sem duvida amizade portentosa.

Eneas.

Eneas. Fez Artebano avizo ao meu Monarcha, de que Tiberio, invadindo-lhe varias Provincias, intenta despojarlo da Regia Purpura: mandou logo aprestar o meu Soberano dez mil armas, e outros tantos Guerreiros filhos, de animos taõ bellicozos, que naõ sey se no valor excedem ao mesmo Marte: e embarcando-se toda a Millicia em quinze possantes lenhos, mãda seguir nossa derrota, em defeza de Artebano; e que a payxaõ da amizade o obrigaria a ir pessoalmente defendê-lo, a naõ se achar taõ avançado em annos: mas como de mim fazia a mayor confidencia, esperava do meu Marcial valor o destroço de Tiberio.

Jarb. Araípe, todos em Getulia se achão? *á p. para Arasp.*

Arasp. Naõ vi mais que cinco Lenhos. *á p. para Jarba.*

Eneas. Em fim, ao romper da alva levámos ferro, e soltas as vélas, se mostraõ favoraveis os ventos, que na observação dos mareantes teriamos sulcado em breve tempo huma grande parte do salgado golfo: quando, (oh Ceos!) de improvizo vemos contra nós irados os dous ferozes elementos: servindo hum ao outro de tanta agitação, q for-

mando-se cada onda hum penhasco, a penas nos conduzia á mayor eminencia, logo nos sepultava no mais profundo caos: huns dezanimados, outros sem mais deliberação, que pedir aos Deozes piedade: os Pilotos perdem o rumo; os lenhos huns dos outros se occultaõ, porque tragando a huns o mar, outros a quem o governo falta, lá vaõ a despenhar-se nas eminencias dos rochedos: este o motivo, porque aquelles, que escapamos do conflicto, cruzamos as Africanas costas, para reparar os damnos dos Navios, e refazer-nos de todo o precizo. Eu pois, Senhor, a quem pertence todo este cuidado, busco o teu amparo; condoe-te, ó Soberano, da nossa desgraça, concedendo-nos benigno o que te imploramos.

Arasp. Oh se quizerão os Deozes, patrocinar os meus intentos! *á parte.*

Jarb. Como te chãmas?

Eneas. Olinto. Ah! com mais gosto declarara o meu nome. *á parte.*

Jarb. Já perdi parte do receyo. *á part.* Pois Olinto, o que me pedes te otorgo; repara de todo o precizo os teus destruçados lenhos: com condição porêem, que dos teus Soldados

dados não mandes desembarcar mais que aquelles, que te forem precisos para a mesma refacção. *Desce do Thron.*

Eneas. Ah barbaro, quem pudera já mostrar-te quem sou, e a que venho. *á part.*

Jarb. Olinto, que te suspende?

Eneas. Não te poder mostrar o quanto me deyxas agradecido.

Sábe Arminda.

Arm. Pay e Senhor.... mas que he o que vejo! sem duvida he este o estrangeiro, que me disserão ha pouco tinha chegado a esta corte. *á part.*

Jarb. Arminda, que te suspende?

Arm. Nada, Senhor; em melhor occasião te manifestarey o que á tua Regia presença me conduzia.

Arasp. Sem duvida que Arminda interceder vinha por Silene. *á part.*

Jarb. Sim, querida filha, a todo o tempo me acharás favoravel.

Eneas. Soberana Princeza, vennero a tua Magestade.

Arm. Agradecida te fico. *para Eneas.* Quem he este estrangeiro? *para Jarba.*

Jarb. Destroçado por hũa tempestuosa tormenta, buscou asylo neste porto: he Atheniense.

Arm. Oh quanto he dotado de gentil semblante! *á part.*

Jarb. Vamos; Araspe, que quero me assistas ao despacho, e a outras obrigaçoens precisas: e tú, Olinto, terás assistencia neste Palacio, em quanto se preparaõ os teus Navios.

Arm. De Olinto não posso apartar os olhos. *á part.*

Eneas. Não se espera menos do teu Regio esplendor

Jarb. O coração não fey o que me vaticina: *á part.* Araspe, vigilancia. *Vay-se*

Arasp. Tens encontrado, ó Soberana Princeza, alguma piedade no peyto do Monarca?

Arm. Parece que athe a meus olhos se oculta por não ouvir as minhas rogativas: a buscá-lo vinha, porém frustrou-se a minha diligencia pelo motivo, que observastes.

Arasp. Em tudo a fortuna he adversa aos desgraçados. Ah, que-o focogo não posso adquirir, em quanto em Jarba domina àquelle rigor austero.

Eneas. Que razão te obriga a tanto sentimento, quando no Rey descubro tanta benignidade?

Arasp. Ah, que se souberas... Mas reprima a voz quem não pode patentear o que sente. *á part.*

Arm.

Arm. Araspe, não se dilate a nossa diligencia. Sim, vamos ao pay rogar-lhe que dezeitado do castigo; porque como he prompto no executar, poderaõ nesta demora encontrar mayor tormento os infelices.

Arasp. Que me lembrás, Senhora? Sim, vamos; Jarba se busque; e tú chora, pede, patrocina, que eu tambem na sua presença mostrarei quanto possa o muito que por elles intercedo: da-me licença que eu parto a procurá-lo.

Vay-se.

Eneas. Se não julgasse temerario o meu arrojão, indagara de vossos peitos o que tanto vos dezafllocéga.

Arm. Sim, eu te manifestara a payxaõ, que nos assiste, se em ti julgasse podia haver motivo para o nosso remedio. Ah! que se avista he iman, q arrebatada, as palavras são remoras, que sorpreendem. *à p.*

Eneas. Mal poderey offerecer-me para buscar o vosso defcanço, quando reconheço em vós mayores possibilidades para o dezempenho: porém o dezejar saber os vossos desgostos só era para que ajudando-os a sentir, vos não cauzasse tanto flagello o experimentá-los.

Arm. E a poderes dar remedio

ão nosso tormento, empenháras o excelso do teu valor!

Eneas. Tudo he pouco, Senhora, para offertar-vos: mas sendo para vosso gofsto reproduzido, me parece venceria as mayores difficuldades: e para a execução só falta o vosso preceito.

Arm. Ah Olinto, e que de repente te obrigas a tributar excessos! Conserva, conserva essa mesma vontade, que póde ser agradecida te seja, e premiada.

Eneas. Não appeteece premio; quem sem interesse só busca servir-vos, quando o melhor q dezejo he ser-vos agradável.

Arm. Ah, que rendida me vejo: mas não vença o amor ao decoro.

à part.

Eneas. Suspende-vos Senhora o meu sacrificio? Ou he porque, costumado a ser infeliz, vos offendem os meus rendimentos?

Retirando-se.

Arm. Por não responder-lhe me retiro

à part.

Eneas. E não vos merece resposta, quem tanto vos dezeja servir?

Arm. Suspende, suspende vozes, Olinto, e para melhor occasiaõ rezerva as tuas atencõens: segue de agradecer o dictame, q a todos, e muito mais aos Estrangeiros, lhes he esta maxima preciza.

Eneas

Eneas. Os vossos conselhos
me facilitaõ o ser venturozo:
os Ceos vos guardem. *Reti-
rando se.*

Arm. Olinto.... ah! que me
perco! *á part.*

Eneas. Senhora, que mandas!

Arm. Nada, parte. *Partindo
ambos, no fim da Scena volta*

Arminda. Mas na lembrança
confervarás o que te aconfe-
lho!

Eneas. Tanto, que hum só pas-
so não moverey, que ordena-
do não seja á tua vontade.

Arm. Oh Ceos?

Eneas. Que te affusta?

Arm. O meu Regio ser, a tua
pouca existencia, e desco-
nhecimento.

Cantaõ a duo.

Arm. Não pôde hũ Regio peito,

Por mais q̄ amor o inflãma,
Dizer ao bẽm que ama
O seu constante amor.

Eneas. Parto taõ satisfeito
Se o teu amor alcanço,
Que algum do meu descanço
Pende do teu favor.

Arm. Se tú fores constante....

Eneas. Serey sempre constante.

Arm. Não temo o rigorozo,

Eneas. Que hũ peito primorozo

Arm. Não sinto algum rigor.

Eneas. Não sabe ser traidor.

Arm. Não posso retirar-me,
Se em ver-te me de tenho.

Eneas. Já todo o meu empenho
Ventura tem mayor.

Arm. Não tires da memoria....

Ene. Não percas da lembrãça...

Ambos. Que só numa esperãça
Se funda o nosso amor. *V.*

ACTO II. SCENA I.

Porticos de Galaria a meyo Theatro : para o fundo Carcere, que
fôrme duas prizoens distintas; as quaes terãõ duas portas.

Sabe Silene com pumhal.

Sil. **I**Mpia estrellã, sorte des-
humana, a que mizero
estado me vejo reduzida! Ah?
vos o sabeis Numes celestes;
mas já reconheço que não
pôde admirar achar-se nos
homens impiedades, se ha
uos Deozes tyrannias: vive

Dido, vive irmaã cara, lá nes-
ses Elyzios campos: q̄ só tu,
como Heroína, soubestes triũ-
far das iras do tyranno Jarba.

Vem sabindo Arasp.

Arasp. O amor me obriga....
mas que vejo! Silene? Reti-
rado observarey, se impacien-
te?

te se contempla. *Retirafe.*

Sil. Ah , Eneas , que tú a cauza fô fostes dos meus martyrios ! ah fallo , que quando mais se precisava a tua assil-tencia, entãõ, largando as vé-las , e furcando os mares, nos deyxastes expostas ás iras de hum tyranno : ah engano-zo ! *chora.*

Arasp. Ainda de Eneas a memo-ria conserva.

Sil. Mas para que a meus olhos as lagrimas se apressãõ? Naõ, naõ mostre o meu peyto o minimo sentimento nestes pezares : eu por Eneas aban-doney de Araspe o affecto; e este talvez offendido da mi-nha repulsa , pouco se lem-brará do meu infeliz destino: Eneas foy tyranno , a irmaã, vendo-se de todos desfavore-cida , soube desprezar rigo-res ! pois naõ , Silene siga o seu exemplo. *Tira bñ pumbal.*

Arasp. Que intentará ?

Sil. Sim , tú, mortifero instru-mento , nesta occaziaõ ferás para mim remedio: conduze o meu espirito á prezença da irmaã cara ; para que am-bas vivamos izentas do fado, de Eneas, e de Jarba. *Ao fe-rir-se , Araspe a suspende.*

Arasp. Suspende , bella homi-cida ; naõ queiras tirar duas vidas de hum só golpe.

Sil. Ah ! deixa Araspe pôr fim

aos meus tormentos deixa de Dido seguir o exemplo.

Arasp. Naõ exalperes da tua adversa sorte ; que a cada in-stante muda de systema : e posto que o meu amor aban-donastes , como me concede-stes licença de amar-te, hum só instante me naõ esquece-stes; já alguns excessos a teu respeito tenho obrado , e re-conhece que Araspe pelo teu descanço patrocina, pois fora o perder-te tirarem-lhe a vida.

Sil. Araspe , o teu magnanimo coraçãõ todo he piedades : eu dellas me julgo indigna , quando os teus sacrificios desprezey : deixã , deixa a clemencia , e vingate agora dos meus repudios.

Arasp. Ah , que mal conheces, Silene, o meu animo, e o meu amor : Vinganças no meu peito ! He loucura imaginá-lo ; ainda que hoje me abor-reças , naõ deixarey de orar pela tua liberdade ; pois tã-to te adoro, que o querer oc-cultá-lo me feria impossivel.

Sil. Oh alma digna de mil Im-perios ! Sim , já vives dentro deste meu peyto, que hum heroe taõ piedozo naõ amá-lo , fora naõ reconhecer qual he a mayor dita : Já naõ fin-to a minha adversa sorte , se esta me faz reconhecer o teu mere-

merecimento : já não temo a morte , que espero , se até ao fim da vida o meu Araspe for constante.

Arasp. Oh bellissima Silene , que as tuas amorozas vozes me ferem no intimo da alma, por não poder neste mesmo instante tirar essas cadêas , e reproduzir-te no melhor folio ; mas tem por certo , que em quanto pulsar no peyto este coração , derramarey das véas o sangue , a fim de restituir-te ao teu antigo estado : mas retira-te , que temo que contigo me vejaõ : soffra agora o meu amor este retiro , para depois ostentar mayor gloria na presença.

Sil. Como já fina te idolatro, obedecer-te he o meu allivio ; e vive seguro, que ternamente te adoro. *Vay-se.*

Arasp. Oh como vivo fatisteito do amor de Silene ! mas para que, tyranno fado , me concedestes esta ventura , se tanto rodeado de flagellos me patenteas : ah ! que até niffo sou infeliz ; pois quando ditas alcanço , ió faõ para mais atormentar-me.

Sabe Usnída sem ver Araspe.

Usm. Deozes tyrannos , para que me não o zurpasteis os alentos , quando em tantas campanhas me vi exposto aos tiros ? para que me hon-

raístes com tantas victorias , se destinado estava para experimentar os rigores deste mizero estado ?

Arasp. Ah ! que tudo quanto descubro são espectaculos , que a compayxaõ commovem ; consolemos tambem este infeliz. *á p.* Usnída ?

Usm. Araspe , vens noticiar-me da rispida sentença, que contra mim vibrou de Jarba a mão tyranna ? não tens valor para publicá-la ? dize, falla ; que menos me affusta a morte, que este cruel cativoiro.

Arasp. Não , Usnída , não venho expor-te flagellos , nem a fallar-te encaminhey os passos : mas já que os teus aqui te conduziraõ , modera essa efficaz payxaõ , que a desgraça tambem se causa de atormentar.

Usm. Já não espero para complemento dos meus pezares, mais que huma ignominia na publica morte ; esta appetço , pois porá termo a tantos rigores.

Arasp. O tempo muda , a forte he variavel , o que hoje he desgraça, á manhaã sera ventura. . . : mas julgo que passos sinto , retira-te á prizaõ , que averiguar quero quem seja.

Usm. Devo obedecer-te. *Vai-se.*

Sabe

*Sabe Eneas pelo principio da
Scena.*

Eneas. No palacio me perdi ,
buscando as portas , que ao
campo se encaminhaõ... mas
aqui Araſpe ! *á parte.*

Araſp. Olinto , aonde encami-
nhas os paſſos ?

Eneas. Ao campo os conduzia ,
mas ignorante das ſabidas ,
vim dar a eſte ſítio : ſaõ car-
ceres , o que daqui divizo?

Araſp. Aonde ſe encerraõ para
ſegurança os mayores delin-
quentes. Oh que bella occa-
zião para de Olinto me va-
ler na liberdade de Silene! *á
parte.*

Eneas. E ſe achaõ prezos al-
guns deſgraçados ?

Araſp. Ah Olinto! ſe á tua con-
fidencia mas

Eneas. Que dizes? falla , e acha-
ras na minha vontade a fatiſ-
fação dos teus preceitos.

Araſp. E promettes cumprir
com as obrigaçoens de no-
bre Cavalheiro , a fiar-fe de
teu peito o meu coração ?

Eneas. E que dũvida póde ha-
ver , ſe em mim dominaõ no-
breza , e valor? Naõ dilates
mais tempo as tuas expreſ-
ſoens ; communica-me o teu
ſegredo; que para vencer dif-
ficuldades a teu lado acha-
rás quem eſtima menos a vi-
da , do que a honra.

Araſp. Pois Olinto , naquelles
carceres , em aſperas cadeas
gemem Uſmida , e Silene ,
hũa Princeza , que de Cartha-
go veyo prizioneira , e

Eneas. Oh Deozes !

Araſp. Que ſuſpiras ?

Eneas. Continúa.

Araſp. A Princeza digo , e Uſ-
mida General das Armas do
meſmo Reyno : Jarba o deſ-
tina , para ſaciar nelles o odio ,
que ainda a Dido conserva ,
depois que a Carthago redu-
zio a cinzas , e a Rainha ſe
devorou nas chammas , por
naõ admittir ao eſpozo : eſ-
ta pois

Eneas. Sufpende , que deſſe ſuc-
ceſſo em Athenas ſoube ; e
depois que na Cidade habi-
to , me conſta a crueldade com
que a eſſes prizioneiros tra-
ta , agora dize o que queres.

Araſp. Longe a noticia chegou
já deſte ſucceſſo : pois Olin-
to , eu por Silene morro , e
ſem duvida q̄ a tirarem-lhe
a vida , a minha finalizava ; te-
nho procurado commover de
Jarba o coração , mas foy in-
fructifera a diligencia , cada
vez ſe oſtenta mais coloffo
de crueldades.

Eneas. E dezejas

Araſp. Dezejo , quando naõ
poſſa ſer por industria , á for-
ça de armas livrá-los da mor-
te: niſto diſcorria , quando os

Deozes, compadécidos da sua desgraça, e do meu amor, te trouxeraõ a esta Cidade, parece que mais por destino, que por casualidade.

Eneas. Não te enganas. *á part.*

Arasp. Logo que te vi, no semblante me parecestes Eneas, hñ Troyano de singular valor, que a Dido assistia; e certamente bem a elle te assistilhas; e posto meu inimigo foy em Carthago, mais que nunca appetecia agora a sua assistencia, e amizade.

Eneas. Oh como ignoras que com elle fallas! *á parte.*

Arasp. Agora podes suppor o que de ti pertendo: muito me custa ser ao meu Rey traidor, mas a sua crueldade, e o meu affecto saõ motivos para castigo da sua temeridade.

Eneas. Sim Araspe, determina, manda, idéa, e acharás na execuçaõ de Olinto hñ similhaça desse Eneas, que a Dido assistia.

Arasp. Pois Olinto, os teus soldados anima, e faz com que apenas eu fizer retirar os guardas, que o desembarque lhe privaõ, á terra os escaletes cheguem, e no campo mais vizinho se ajuntem, e formem; para que á nossa voz accommettaõ, destrocem, e peleje n.

Eneas. Tudo est urá prompo; e

tú cuida no retiro das guardas da marinha: que a sorte, a justiça, e o valor nos daraõ caminho para o triunfo.

Arasp. Não haja mais demora no destinado; eu parto a fomentar o engano; e tú próprio te acharás a todo o perigo, já que os Deozes te destinaraõ, para remedio de infelices, e castigo de soberbos.

Sinta Jarba cruel, e deshumano
Das suas tyrannias o castigo;
Seja para flagello do tyranno
Seu estrago mayor, o feu amigo.

E se tanto se jacta de inhumano
Dentro em feu proprio Reyno
ache o perigo,
Pois quem alheyos males accrescenta,

Acha o damno no mesmo que fomenta. *Vay-se.*

Eneas. Oh Deozes, e como me fois propicios! Nos mesmos inimigos encontrey o melhor caminho para de Dido vingar a morte, e pôr Silene em liberdade; d'elle me aproveito, encobrimdo sempre de Eneas o nome, em quanto a victoria não tiver adquirida: e pois vós, Numes celestes, assim o destinastes, fazey que seja o fim ao principio similhantẽ; para que o soberbo Jarba experimente o castigo Das suas tyrannias.

ARIA.

A R I A.

Vós, Déozes, que sois justos,
Fazey que hum cruel peito
Sinta do damno o effeito,
Abata o feu furor.
Eu em vós he que confio
De ter o vencimento,
E todo o meu alento
De vós he só favor. *Vay-se.*

S C E N A II.
Sala ordinaria.*Sabe. Balandrao.*

Bal. Não sey quando ha de fer
que me hey de ver livre de
stes caens damnados; os per-
ros são rafeiros, que ainda
quando não mordem ladrao:
tem-me admirado não me co-
nhecer pelo faro este cachor-
ro de Calambuco; pois eu a-
penas o vi, logo disse que era
elle; tambem Chamariz me
não conheceo, certamente
que já se não lembra daquel-
le cazamento, que em Car-
thago fizemos; mas tá, ahi
vem o senhor negro, aqui me
escondo só por ver se Chama-
riz lhe segue o rasto. *Escon-
de-se.*

Sabe Calambuco.

Cal. Que não pore mim encon-
trar aquelles malinheiro pa-
ra quebralhe os bora; os blã-
co a mim não mingana.

Bal. Ay q̄ o cachorro me quer
saltar no gánete, elle já mo-

stra cada dentuça, que mette
medo, mas eu como delle o
não tenho, hey de lhe che-
gar bem ao pello: mas ahi
vem Chamariz, eu sayo-lhe
ao encontro.

Cal. Ay que lá vem os Chama-
rizo, angola quelli mim ver
se falla nos mios amolo. *Es-
conde-se.*

*Say Chamariz de hum lado, e
Balandrao do outro.*

Cham. Ha mayor desgraça!

Bal. Ha mayor ventura!

Cham. Que não possa eu saber!

Bal. Que saber eu não possa!

Cal. Chamarizo com os blan-
co? mím estar perdiro.

Cham. Infeliz Chamariz.

Bal. Desgraçado, fim senhora.

Cham. Ay senhor! vossa mercê
não deixará de andar aqui
sempre atraz de mim, perse-
guindo-me?

Bal. Huy, senhora! Eu persi-
go-a, ou por ventura mole-
sto-a?

Cham. Quem lhe deo a liberda-
de de estar feito meu éco?

Bal. Eu éco? Isso he couza, que
eu nunca soube fer.

Cal. Mim say, que não pore a-
turar esses conversas.

Cham. Antão que diz?

Bal. Antão, minha senhora, era
Pastor.

Cal. Ay, que ere falla nos amo-
lo, mim sahe. *Sabe.* Sioro
malinheiro, quem te deo li-

- cença para vire aqui ?
- Bal.* Eu tenho entrada franca.
- Cham.* Porque , vossa mercê he privado de caza ?
- Bal.* Não senhora: e vossa mercê he secretaria da Princeza?
- Cham.* O que eu sou não lhe importa.
- Bal.* A mesma resposta lhe dou ao que me pergunta.
- Cal.* Vozo fá dezanvergoyado; O' Chamarizo vaite embolla , leyxa os ayno.
- Bal.* Olha tú cachorro , não queiras
- Cham.* Ay senhor ! não feja tão fogoço.
- Bal.* Ainda vossa mercê não yio o que cá vay por dentro.
- Cal.* Leyxa , leyxa Chamarizo , que eu háte fazero comer os terra.
- Bal.* Comerey hum dardo , que o atravesle.
- Cham.* Se fora menos confiado , não seria tão aborrecido.
- Bal.* Huy miſtha Senhora ! Eu não ſabia que era ſeu cativo: proteſto emendar-me , ſó a fim de lhe não aborrecer: ſenhor negro , ſou ſeu criado.
- Cal.* Vozo eſtá eſcarnicando dos pay Calambuco ?
- Bal.* Iſſo he aſneira, fallo ſerio, e mais que ſerio: entãõ agra-do-lhe ?
- Cham.* Pois diga-me , goſta de ter razoens ?
- Bal.* Ay menina , o ſeu coraçãõ
- he bem maviozo ; ora bem pudera compadecer-ſe de quem anda ſempre ás bulhas.
- Cham.* A's bulhas ?
- Cal.* Mim não atulla iſſo. *á p.*
- Bal.* Sim ſenhora , ás bulhas com a minha memoria ; pois por mais que quero não trazê-la no penſamento , mais me lembra a ſua perfeiçãõ.
- Cal.* Vozo Chamarizo quelí vires embolla.
- Bal.* Olhem que eſtá bem impertinente. *á parte.*
- Cham.* Já vou , eſpera.
- Bal.* Vossa mercê não póde andar ſem pages ?
- Cham.* Bem quizera não retirar-me , mas temo que Calambuco ſe enrayveſſa , e tenhaõ razoens. *á part. para Bal.*
- Bal.* Eſpere que eu avio iſſo. *á part. para Cham.* O' pay Calambuco , vay tú ver ſe meu amo eſta no quarto.
- Cal.* Não me logra , vozo quelí ficar ſó , mim não are conſentiro.
- Bal.* Ora anda.
- Cal.* Quem fá os ſeus amo ?
- Bal.* He o eſtrangeiro.
- Cal.* Vozo chama amim blegeyro , conſiãro , toma. *dá hum no outro.*
- Cham.* Apartem-ſe , apartem-ſe. *apartando-os.*
- Bal.* Agora verás como ſe daõ os murros ſeccos.
- Cham.* Vou-me que não poſſo ver

ver fangue.

Cal. Angola fim , mim não tem mero.

Bal. Oh cachorro.

Sabe Jarba.

Jarb. Quem he que tão atrevido se ostenta , que altera pundonores nesta fala ? porêm

Cal. Siro , mim estava aqui , vay effes malinheiro . . .

Bal. Sayba vossa Magestade , que eu vinha , e vay

Jarb. Que motivo os obrigou a lutar ?

Cal. Mim quefia , vay ere . . .

Bal. Eu vinha , e que fiz , disse-lhe

Jarb. Quem es tú ?

Bal. Eu fenhor sou . . .

Jarb. Dize.

Bal. Sou criado ay ! de Olinto.

Jarb. Já tem os Navios apparelhados ?

Bal. Os Navios ? Sim , fenhor. *Vem sabindo Emilio.*

Jarb. Retirem-se , e sejaõ mais comedidos.

Bal. A' suas ordens deyxá estar cachorro ! *Vay-se.*

Cal. Mim te apanhará. *Vay-se.*

Jarb. Emilio , quero que hoje infallivelmente effes prizonheiros sejaõ punidos.

Emil. Tambem Silene , e Ufmida , fenhor

Jarb. Effes os primeyros , a que as chammas devorem .

Vay-se. Emil. Ah Monarcha invicto ; e não te commoves ?

Jarb. Advirto-te , Emilio , que mais por elles me não falles : Silene , e Dido , mil vezes me abandonaraõ ; Ufmida , posto se fez meu parcial , quem huma vez chega a ser traydor , fica exposto a se-lo mil vezes ; em fim , escuzo de dar satisfaçoens ; eu posso , mando , e quero ; parte a executar o que ordeno ; mas não , suspende por hum pouco o meu decreto , em quanto outro mais horrorozo castigo lhes determinar.

Emil. Sou teu vassallo , e obediante. Ah tyranno ! *á part. Vay-se.*

Sabe Arminda.

Jarb. Quero escogitar o castigo mais cruel , que haver possa , para com elle serem extintos estes perversos ; mas Arminda ! sem duvida que piedade vem rogar-me. *á part.*

Arm. Pay , e fenhor ; ah , como o teu semblante melancolico descubro !

Jarb. Quem Reynos governa ; não tem minuto , que não observe motivos para sentimentos.

Arm. Eu fenhor aos teus pés. *ajoelha.*

Jarb. Levanta-te ; dize , que pertendes ? *levantando-a.*

Arm. Aquelles infelices , mizeros , desgraçados , que por inf.

instantes esperaõ da vida o termo, rogaõ, pedem, imploraõ a tua piedade. Ah senhor se Arminda por amante filha te merece algum extremo, seja este hum dos mayores, que de ti receba: applica, Senhor, applica essa rigoridade, que no teu peyto vive, olha que os Deozes tambem perdoã as nossas imperfeicoens; por elles te rogaõ suspendas o seu castigo.

Jarb. Dezejo, ó filha, dar-te gosto: pede, pede outra couza, que difficuliosa seja, verás que prompto cumpro com a tua vontade; mas no prezente cazo me não falles, se dezejas a minha benevolencia.

Arm. Ah meu pay, que já essa tua voz me testificou, que favoravel te acharia, e agora taõ impia se ostenta!

Jarb. Não, não quero conceder aos indignos a vida; quanto mais applicar-me querem, mais contra elles agitaõ a minha ira. Decretey, disse; e ninguem mais me toque em que lhes perdoe.

Esses perfidos, esses horrorozos Sentirãõ de meu peyto o rigor fero,

Nelles deixar exemplos muy forçozos

Deste meu proceder dezejo, e quero:

Se a Jarba foraõ todos enganozos,

Seus enganozos vingar nelles pondero;

E se a mim só pertence o seu delito,

Abfolvê-los não quero; tenho dito. *Vai-se.*

Arm. Ah pay tyranno, e como ultrajas huma amante filha! Porventura não sou eu hũa parte da tua alma? Não sou aquella, que taõ faudoza vivi na tua auzencia? sim, e mais mal cõrespondida; pois não te queixes que eu busque em peyto estranho a satisfação da minha piedade, já q a tua tyrannia te faz hum monstro de crueldades.

Sabe Eneas.

Eneas. Quem dá motivo ao vosso dezaslocego? Dizey, senhora, que os instantes: q guardais no silencio o seu nome, he o tempo que lhes demorais o castigo.

Arm. E teria valor o teu braço para vibrar iras contra o aggressor do meu enfado?

Eneas. Na prompta satisfação dos vossos preceytos conhecereis a summa obediencia, que vos tributo: não occulteis esse infame, que pezares vos motiva; pronuncie a vofsa voz o nome do tyranno, e vereis que de improvizo, obrigado da minha espada, pelo

pelo voffo influxo movida ,
a voffòs pés prostrado vos
implora piedade.

Arm. Ah ! Suspende Olinto ,
suspende effe extremo , que
lizongeiro me tributas , que a
tanto chega a minha desgraça ,
que vinganças não posso
fulminar contra quem me of-
fende.

Eneas. Lizonjas chamais , fe-
nhora , ás veridicas expref-
foens deste meu peyto ? oh ,
e como finto não me dares
occaziaõ para poder mostrar-
vos , na execuçaõ do meu
gosto , a certeza do que vos
offereço.

Arm. Oh , como he agradavel !
à part.

Eneas. Pois senhora , já que vos
não quereis servir do meu
esforço , ao menos day-me
alguma certeza de que vos
agrada este meu sacrificio.

Arm. Não fey fe pedis muyto.

Eneas. Para aliberalidade , que
vos assiste , pouco peço ; agora
se olhar para a indigencia do
meu merecimento , he mais
que elevado opremio.

Arm. Quem sem interesse fe
offerecia a ferver-me , parece
que já se cança de agradar-
me sem recompensa.

Eneas. Como vos não faço ser-
viços , não peço delles satis-
façaõ ; mas fò dezejava faber
fe este mefino excesso de o-

bedecer-vos vos agrada.

Arm. Rezistir não posso. *à p.*
Sim ; Olinto , e tanto me a-
grada , que rezervo os voffos
impulfos para mayor empen-
ho , e o voffo valor para
mais cõdigno premio. *Vai-se.*

Eneas. Senhora . . . Oh Ceos !
ah , e quanto amoroza fe
mostra Arminda ! para mayor
segurança de meus intentos ,
até mereço aos Deozes este
amparo. Ah , Jarba , e como
se vay dispondo o castigo da
tua soberba ! De Dido a mor-
te , a extinçaõ de Carthago
clamaõ vingança ; esta te or-
dena o poder dos Deozes , e
o valor de Eneas.

A R I A.

Rigorofo temerario ,
Perfido , cruel , perjuro ,
Brevemente aos Deozes juro
Teus rigores abrandar.

Não terey de ti piedade ,
Já que taõ cruel te ostentas :
E pois castigar intentas
Tambem eu fey castigar.
Vai-se.

SCENA III.

Jardim com perspectiva de Pa-
lacio.

Sabe Araspe , e depois Emilio.

Arasp. Disposto tenho quanto
com Olinto pratiquei. Oh
Deozes , e como se dispõem
a meu intento a liberdade de
Silene ! Quem de amar vive ,
fó

Só para realce do mesmo affecto sabe precaver os systemas. Ah, Jarba, que se foras menos tyranno, nem Araspe fora traidor, nem Olinto contra ti se conjurara: mas temo que Emilio, sabendo que algumas guardas retirey, dê disto a Jarba parte: elle chega, valer-me-hey de alguma cautela.

Sabe Emilio.

Emil. Araspe, incançavel te busco; Jarba incessante dezeja fallar-te.

Arasp. Que quererá?

Emil. Ignoro os segredos do Soberano.

Arasp. Vou a fallar-lhe. *partindo.*

Emil. Os Ceos te guardem.

Arasp. Mas dize, sabes se Olinto embarcaria?

Emil. Para bordo partio: eu o vi acompanhado de alguns dos seus Soldados; e observei menos alguns guardas da marinha, e ignoro quem retirá-los mandou.

Arasp. Já disto fizestes participante ao Monarcha? Ainda ignora que eu os mandei retirar. *à part.*

Emil. Não.

Arasp. Que farey? *à part.*

Emil. Araspe, que tens, que taõ confuzo te vejo?

Arasp. Tú sabes se justicar se mandaõ estes prizioneiros de Carthago?

Emil. A mim se me incumbio essa ordem: mas partindo a exercê-la, o Soberano a suspendeo, dizendo que excogitar queria hum novo modo de castigar rigorozissimo, para com elle perderem a vida esses desgraçados.

Arasp. E não achas ser deshumano esse decreto?

Emil. Bem reconheço a ira, q̄ em Jarba domina; da minha parte pus todo o excesso para o commover a piedade, mas irritando-se contra mim, mãdava executar a sentença.

Arasp. Ah, amigo, e que a nós. . . os olhos hũa Princeza. . .

Emil. Se he vontade do Monarcha.

Arasp. E não descobres meyo de impedir essa tyrannia?

Emil. Outro lhe não acho, mais que ver se rogos o abrandaõ; mas até este obievo difficil, reflectindo o muito, que Jarba se estimula, quando por elles se lhe pede..

Arasp. Só tú, Emilio, podias valer a estes infelices.

Emil. Eu! Como?

Arasp. Fazendo-lhes a prizaõ mais favoravel, para que pudessem. . .

Emil. Inteyramente percebo o que dizer me queres.

Arasp. E que respondes?

Emil. Muytas duvidas se me oppoem.

Arasp.

Arasp. Dize-as.

Emil. Ainda que dos carcereiros sejaõ libertos, não se lhes pôde dar passo franco; pois em qualquer das saídas da Cidade seraõ reconhecidos, e prezos; e he forçoço que saiba Jarba quem os patrocina, e eu não quero perder a vida, e o que tenho adquirido, quando em salvo me não posso pôr, nem ter quem me remunere o que peico.

Arasp. Ah Emilio, o tempo....

Emil. Não tens que me lembrar: não hey de pôr em contingencia hum successo, que forçoçamente redundará em nosso prejuizo, podendo evitá-lo obedecendo.

Arasp. E terás animo de ver espirar em duros tormentos aquelles, que sem culpa se castigão?

Emil. Como eu lhes não motivo a sua desgraça quexem-se da sua infeliz sorte: Eu vou ao Rey buscar a ordem, para se executar: e tú busca-o também, que elle por ti perguntará. *Partindo.*

Arasp. Espera Emilio... Que farey? *á parte.*

Emil. Que queres dizer-me?

Arasp. O valor suppra, o que a industria não pôde. *á parte.* Que has de acompanhar-me, e sem prejuizo de algué havemos dar liberdade a esses desgraçados.

Emil. E se Jarba....

Arasp. Fica por minha conta a industrioza desculpa. Anda, vamos.

Emil. Não te figo.

Arasp. Has de seguir-me.

Emil. Deixa, Araspe, deixa esse frenetico delirio; quando não.....

Arasp. Que farás tyranno?

Emil. Darey parte ao Rey da tua infidelidade.

Arasp. Primeiro nesta espada perderás os alentos. *Tira a espada.*

Emil. A minha defenderá a tua temeridade. *Tira a espada, e brigaõ.*

Ambos. O lá, Guardas, prendey este aleivoço.

Sabem dous Soldados.

Arasp. Rende-te, indigno. *Brigando.*

Sabe Jarba, e Arminda.

Jarb. Suspendey os ferros temerarios.

Arm. Apartai-vos.

Arasp. Deixa, meu Soberano; deixa q este ferro embainhe naquelle peito, e o enfope naquelle vil fangue, que contra a tua Soberania traçoens fulmina.

Emil. Meu Rey se souberas....

Jarb. Cala-te indigno: dize, Araspe, dize.

Arasp. Eu não sey mais, que querer Emilio audaz, e atrevido, depois que a hũa con-

juração me infistia , com o ferro obrigar-me a seguir a sua parcialidade ; eu rebatendo-lhe a vehemência , chamo aos Guardas , mas elle , fazendo equivoça a ordem , ainda cõ loquacidade os deixa indecizos na obediencia ; e quazi vi perdida a gloria de pôr na tua presença hum vassällo , que erradaméte contra ti se conspira .

Arm. Duvidoza me deixa o q̃ ao presente escuto ; valer-lhe determino . *á parte.*

Jarb. E quem são os mais sequazes ? Por ventura Araspe tem esse Estrangeiro alguma parte na conjuração ?

Arasp. Tanto me não declarou .

Jarb. Emilio , são estes os effeitos da tua amizade ? Em que te offendi , tyranno , para cõtra mim formares tão malevola intenção ?

Emil. Ah , meu Rey ! se ao penfamento me viesse tão torpe delicto , hum momento não conservára hum coração tão vil dentro no peito : eu mesmo o arrancára .

Jarb. Mas Araspe

Emil. Sim , Araspe me accuza ; tú te confirmes das suas falsas expressões , com que pretende de hum atroz delicto ficar izento , d'elle me vejo reo , e por infelicidade não posso ter defeza .

Arm. Meu pay , contra Emilio não procedas , sem que primeiro faças hũa serie reflexão da sua fé : e bem sabes q̃ da tua Monarchia sustentou o pezo no dilatado tempo da tua ausencia ; não faltando vigilante em precaver o melhor modo de obrar .

Arasp. Ah , que Arminda me perde ! *á parte.*

Jarb. Princeza , eu figo os dictames da tua idéa : como não há sufficiente prova , que a Emilio condene , e a Araspe absolva , sejaõ em custodia mettidos até que a integridade da culpa condene ao culpado .

Arasp. Inteiramente me vejo destruido : mas a idéa me valha . *a part.* Dictame he Senhor do teu raro entendiméto , mas se bem reparares que a Princeza Perca-se tudo , mas não os meus intêtos . *a p.*

Jarb. Que dizes ?

Arasp. Adora extremoza

Jarb. Acaba .

Arasp. A Emilio

Arm. Ah ingrato ! *á parte.*

Emil. Ah perverso ! *á parte.*

Jarb. Tú como o fabes ?

Arasp. Aquella joya o manifesta .

Jarb. E não es culpado ? Oh lá , tirem da minha presença este infame .

Emil. Sacros Deozes , condoey-

vos da minha desgraça. *á p.*
Jarb. Como assim, ingrata filha,
 me injurias? Aonde está a-
 quelle esplendor, que te cõ-
 muniquey? Ah perjura! vai-
 te da minha presença, indig-
 na, que para teu castigo baf-
 ta o que este tyranno ha de
 experimentar, e tú serás o
 primeiro movel da minha ira.

Arm. Senhor, a hũa filha . . .

Ah tyranno Araspe! *á part.*

Jarb. Mais me não repliques,
 vamos Araspe.

Aria a quatro.

Jarb. Vai-te, ó barbaro insolente.
Para Emilio.

De mim te aparta, tyranna.

Para Arminda.

Arm. e Emil. Oh que pena des-
 humana!

Arasp. Mais que justo he teu
 furor.

Arm. Eu sem culpa.

Emil. Eu sem defeza.

Arasp. Eu aos Deozes obrigado.

Jarb. He bem seja castigado

Todos. Aquelle, q for traidor.

Arm. Mas eu, que não sou cul-
 pada,

Emil. Eu, q não sou delinquête,

Arasp. Eu só sou o innocente,

Jarb. Tú terás o meu favor.

Para Araspe.

Mas não effes fementidos.

Arasp. Justo he.

Arm. e Emil. He tyrannia.

Mas oh, que nesta porfia

Todos. Tudo se observa rigor.

*Vai-se Jarba com Araspe, Emi-
 milio com os Guardas, Ar-
 minda só.*

ACTO III. SCENA I.

Sala Ordinaria.

Sabe Jarba, e Araspe:

Jarb. **E**M ti confio, ó Aras-
 pe, o meu socego;
 esse estrãgeiro faze que par-
 ta sem dilação; e no mesmo
 instante, que ao vento largue
 as velas, conduze ao anfitea-
 tro effes prizioneiros, para q
 o alento exhalem: não des-
 cubro mais cruel morte, que
 serem devorados por arden-

tes chammas: faça-se-lhe hũ
 fogo, que mais tempo vivos
 os demore, para que inayor
 rigor padeção; este te orde-
 no: depois que exhalem o ul-
 timo suspiro, cuidaremos no
 castigo desse tyranno Emilio;
 pois já pelos Guardas me cõ-
 sta a rispida sagacidade, cõ q
 escapar da tua espada pertẽ-
 dia.

D ii

Arasp.

Araçá. Estimo, Senhor, que reconheças a minha fidelidade; prompto verás tudo conseguido. Mas será para que vejas mais proximo o teu castigo. *á part. Vai-se.*

Sabe Balandrao fugindo de Calambuco.

Bal. Passa fóra, passa fóra: mas ay ...

Cal. Hare moerte os bofe: mas ay mi fiore!

Jarb. Que atrevimento!

Bal. Valha-me V. Magestade; porque este payzinho me quer maltratar.

Jarb. Calambuco, que motivo te obriga a dentro em Palacio fomentares pendencias?

Cal. Eu, fiore, estava blincando com esses homo.

Bal. Sim, bom brinco; filou-me no cachaco, que se me não sacudo tao depressa, fico com os gorgumilos á mostra.

Jarb. Ainda Olinto teu amo se não retira?

Bal. Vá huma mentira, faya o q̄ fahir. *á part.* Sim Senhor, eu ando-lhe conduzindo o feu fato para bordo, e vinha delle buscar alguma couza, quando me sahio ao encontro Calambuco, que, suppondo que era cavallo, me queria esfolar.

Cal. Mim blincava, oya os merdozo.

Jarb. Calambuco, não maltra-

tes quem se occupa no serviço de feu amo, e faze o mesmo, se buscas agradarme. *Vai-se.*

Bal. Hora anda, ladra; verás como vou fazer queixa a teu Senhor, q̄ te ponha o enfaymo.

Cal. Hoya, vozo fá munto flaco; mim quelia daros huns murro só.

Bal. Vay lá dar murros em teu avô torto: mas deixa estar, que eu te apanharey em parte, onde te possa fazer muy bem a caridade.

Sabe Chamariz.

Cham. Muito caritatiyo he vofsa mercê.

Bal. Mas sem esperanças de por esta caridade adquirir a sua graça.

Cham. Olhe, tenha fé, q̄ quem a tem sempre se salva.

Cal. Sempre vozo, Chamarizo, are vir aos furcairo desses blanco.

Cham. Tú não sabes Calambuco q̄ tudo se alegra com o feu similhante?

Cal. Logo vozo gosta dos malnheiro?

Bal. E julgas que não tem bom gosto?

Cal. Mim não intenri; quelli vozo vir armoçar comigo, Chamarizo?

Cham. Sim, quero, que tens tú para almoçar?

Bal.

Bal. O' menina , não se deixe enganar : olhe não seja isso alguma alcatra de cavallo. -

Cham. Antão que tens ?

Cal. Os perna de huns tigli , que mim apanhò nos mato.

Cham. Passa fora , não quero isso.

Bal. Que lhe disse eu ? daquelle mato não say coelho.

Cham. Não , não quero.

Cal. Pois fica com os branco , q̄ mim vay encher os barriga.

A R I A.

Mim vay diplessa

Encher os barriga ,

A deozes rapariga :

Já que vozo não quelli ,

Mim vay cantando

Rainha combé

Vira bé cambu

Aqui fá mandu

Com sú gargahe :

He he he he he

Com sú gargahe. *Vay-se*

Bal. O negrinho , não o faz mal.

Cham. Certamente não desgosto de o ouvir.

Bal. Vossamercê bem sabe que tambem eu canto menos mal.

Cham. Eu não o ouvi ainda.

Bal. Ora faça-se de novas.

Cham. Nova me faço eu com o que vossamercê diz.

Bal. Ora diga , certamente não me conhece ?

Cham. Eu , não senhor.

Bal. Pois nem conserva suas especies desta figura ?

Cham. Olhe , lá me lembra que o vi ; mas não sey adonde.

Bal. Exahi porque eu digo , que a distancia aparta amor : vossamercê , que contrahio comigo a mayor amizade , agora , por huns tempos que nos não vimos , totalmente riu-cou da memoria até o meu semblante ?

Cham. Porventura , he vossamercê hũ Balandrão da Fonseca , que em Carthago

Bal. Sim senhora , e por desgraça de hum grande affecto , que tenho a huma Chamariz de Andrade , ando desterrado , e mettido nestas barafundas.

Cham. E diga-me , ainda serve aquelle seu amo , que foy cauza do meu cativeiro ?

Bal. Renunció o pacto : cauza do seu cativeiro meu amo ? Meu amo , que sempre foy . . .

Cham. Foy , sim senhor , o mayor enganador , que tem omundo ; e vossamercê por pôr concomitancia segue os seus costumes.

Bal. Ora descomponha-nos vossamercê , diga o que quizer.

Cham. Pois acha que não tenho razaõ ?

Bal. Tem muyta.

Cham. Muyta que ?

Bal. Razaõ , pois havia ser outra coufa ? essa he boa !

Cham. Ora diga-me , que faz por estas terras ?

Bal

Bal. Menina, não posso dizer-te nada, tu o veras.

Cham. Qual tú o verás? quer fazer de mim zombaria como fez em Carthago? que depois de muito tempo me fazer estar a escutá-lo para me descobrir hum segredo, fahio-fe com huma asneyra? isso não.

Bal. Eu já me dezafney: agora tudo quanto digo são difficções, não reparas!

Cham. Reparo que cada vez o vejo mais tolo.

Bal. Tolo, porq̃ me babo quando te vejo, fim?

Cham. Nem fim, nem não; fême quer dizer como veyo a esta terra, e com quem, e mecontar tudo com agrado, ficara no meu, quando não, oculo ruorum, estou ás suas ordens. *retirandose.*

Bal. Venha cá, Senhora Eu conto-lhe tudo, assim como assim nos vamo-nos embora, pouco importa que depois se faya á parte.

Cham. Pois conta, ou não conta?

Bal. Sim, eu te conto isto de bayxo de segredo natural, que legitimo nunca o houve.

Cham. Não tem que temer, que segredo só eu o sey guardar.

Bal. Vê tú ainda assim se tens a algibeyra rota, não te caya.

Cham. Antão escarnece?

Bal. Não, minha Chamariz, não

escarneço: faberas.... mas olha tú se está por ahí alguem.

Cham. He bem medroso. *Vai ver.* não está ninguem.

Bal. Pois saberás que esse estrangeiro, q̃ ahí está he he....

Cham. Diga.

Bal. He Eneas, e está dito; e eu vim com elle: agora a que, filha do meu coração, por mais que me tenho feito sacatrapo, não lho pude tirar do baxo.

Cham. Ahgora; he porque mó não quer dizer.

Bal. Má fim tenhaõ aquelles; que o não tem bom, se eu tal sey.

Cham. Ay, não jure, que está fraco; mas ay! que lá vem a Prínceza.

Bal. Pois a Deos até mais ver. *Vay-se.*

Sabe Arminda.

Arm. Ah, infiel Araspe, ah pay tyranno! que motivo te obrigou, perfido vassallo, a deslustrar a minha soberania? He essa a piedade, que dizias dominava no teu peito? Ah cruel, que em quanto não castigar a tua temeridade vivirey a mais desgostosa do mundo. Ah Olinto, Olinto! só tú podias unir esta o ffensa, só o teu valor.... mas quem te conduzio aqui a esta lala?

Cham.

Cham. Eu senhora já aqui estava quando Vossa Alteza chegou, e como a vi enfadada, não quiz intrometter-me por não ser reprehendida.

Arm. Sabes se já partio Olinto?

Cham. Qual Olinto?

Arm. Esse estrangeiro, que ahi se achava.

Cham. Não lhe levante falsos testemunhos.

Arm. Porque o dizes?

Cham. Elle não se chama Olinto.

Arm. Pois como?

Cham. Chama-se Eneas.

Arm. Tú o conheces?

Cham. Ay senhora, pois não?

Arm. Era de Carthago?

Cham. Eu digo-lho, porque já me faz enchimento de estomago ter isto encoberto.

á part. Olhe, minha senhora, e quiz matar teu pay; e....

Arm. Ah mayor insolencia! aqui ha traição: disto darey ao Rey parte; mas o a mor....

Cham. Elle he muito valorozo, muito gentil; mas engana a gente como quem vay de caminho.

Arm. Vacillante me vejo no que farey.

á part.

Cham. Olhe, elle he desforte, que quando mais amante se mostra, e a gente está com mayor affecto, então, sem mais, nem mais, a deyxá ficar cõ a goa na boca, e trata.

Arm. O pay tyranno, Araspé falsario, Olinto com disfarces! oh Deozes, que farey, se quãdo dos dous vivo offendida, em Olinto descubro motivos para affectuosos empenhos?

Cham. Ora conversay lá com ella! Ouve, senhora?

Arm. Deyxa-me.

Cham. Pouco me pede para quem tanto a dezeja servir; com bem lhe amanheça. *V.*

Arm. Ah, que se Olinto a meus olhos se patenteasse, poderia... mas se a desgraça me persegue, não posso esperar contentamento; corra, corra o tempo, que elle darã occaziaõ, ou para vingança, ou para mayores desventuras.

A R I A.

Afflicta, e sem socego,
Delirante, e pensativa,
Não sey se morta, se viva
Me devo considerar.
Mas ay que a desgraça
Accommette meus intentos,
E quazi sem alentos
Não posso respirar.

S C E N A II.

Vista de Carcere.

Sabe Araspé, Eneas, e depois Silene, e Usmida.

Araspé. E he possivel que o valorozo Eneas o seu nome me occul-

occultasse ! Com razão de ti devia formar queixas : pois fiando Arafpe do teu ouvido tão importantes segredos, tú me ocultastes o teu peito, como receando pouca fidelidade em quem te buscava para amigo, e confidente.

Eneas. Não, Arafpe, não foy esse o motivo ; mas bem reconheces que o segredo he o melhor alicerse para fundar as grandes idéas : e como o foubeste ? dize.

Arafpe. De hum dos teus Soldados: mas amigo, não póde haver dilação no destinado ; vamos, vamos pôr em liberdade Silene, e Usmida, e conduzi-los á tua tenda ; e depois a sorte nos mostrará o q fazer devemos: os Guardas dos carceres por certa industria já estão retirados.

Eneas. Sim amigo, vamos.

Arafpe abre humas portas, por onde sabe Silene.

Arafpe. Vamos, formoza Princesa, vamos ; que já essas cadêas fazer posso pedaços. *Tira-lhe as cadeas.*

Sil. Amado Arafpe.....

Eneas. Arafpe, não he tempo para amorozos colloquios.

Sil. Mas que vejo ! Eneas? Oh Deozes !

Arafpe. Sim, eu vou. *Abre a outra porta, e sabe Usmida.*

Usm. Já chegou a hora de com

a vida faciar o odio de Jarba. *Arafpe.* Suspende, Usmida, suspende esse tormento, melhor forte o fado te destina. *Tira-lhe as cadeas.*

Usm. Pois já liberto.... mas Eneas ? amigo deyxas....

Eneas. Para melhor ocaziaõ reserva as tuas expressõens. Vamos Arafpe.

Arafpe. Segue-me Silene, e tu Usmida.

Sil. E por onde, sem que vistos sejamos ?

Arafpe. Por hum porta falsa, q ao campo sahe, os passos apressa, e retiremo-nos. *Vai-se.*

Sil. Oh Deozes, que ventura ! *Vai-se.*

Usm. Oh Ceos, que piedade ! *V.*

Eneas. Ah Jarba, que já o teu castigo se principia. *Vai-se.*

Sabe Calambuco.

Cal. Se não me ingana os vista ; os blanco, que estavaõ nos cadêa, vão com os Arafpe ; mim quelli afirmar-se desse cazo ! ah ! eraõ os mesmos, que hiaõ dando aos carcayares ; mim vay ripleffa avizar mim fiore. *Vai-se*

Sabe Jarba, e Emilio.

Jarba. He verdade o q me dizes ?

Emil. Não tem duvida, senhor, que de hum janella, que ha na caza, em q me mandastes prender, observei que pela porta, que sahe ao campo, veyo Arafpe, e Olinto com

os dous prizioneyros, levando as espadas nas mãos: e juntamente te fiz já certa a traição, que Araspe me impu- tou: e para que me acredites, os carceres abertos, e os Guardas retirados to manifestaõ; e se ainda isto he pouco testi- munho do que te certifico, a minha vida te offereço, a fer o que digo engano.

Farb. Acceyto: vejamos. *Vai observar.* Há mayor traição! Parte, Emilio, parte aos alojamentos, faze que se unaõ as tropas, e vê se algum def- fes infames encontras, e á minha presença o conduz, em quanto eu não acompa- nho os soldados á minha execu- ção

Emil. E já acreditas a minha fidelidade?

Farb. Sim, Emilio, tú es o inno- cente; General das minhas armas te faço; parte a dispor o precizo, e defender o Rey, e o Reyno. *Vay-se.*

Emil. Ah cruel Araspe! agora pagaras cõ a morte as affrontas, que me fizestes: a minha espada derramará dessas vêas o sangue, que intentou man- char a minha honra.

Sabe Chamariz.

Cham. Ah senhor Emilio, não me dirá se he certo.... Ay, não sey o que digo.

Emil. Que queres?

Cham. Nem eu sey o q̃ quero.

Emil. Pois que buscas?

Cham. Eu queria saber se por acazo fugiria....

Emil. Quem? acaba?

Cham. Ay, a irmaã....

Emil. Impaciente te escuto.

Cham. Silene, senhor, Silene.

Emil. E que te importa a ti es- se successo?

Cham. Pois não me ha de im- portar? essa he bõa.

Emil. A tua simplicidade te des- culpa õ atrevimento. *Vai-se.*

Cham. Ora ha mayor historia! queria saber se Silene fugio, q̃ ouvi dizer q̃ se tinha reti- rado, e não acho que mo diga.

Sabe Calambuco.

Cal. He possivel que não pore mim achar ami fiõro! mas ay!..... *á part.* Que questi vozo a qui, fiõro Chamarizo?

Cham. Ay Calambuco, em bõa hora viesstes: tú sabes se a Princeza fugio?

Cal. Mi fiõro os Plinceza?

Cham. Ay, não; a prizioneira.

Cal. Vozo não sabe o que vay?

Cham. Pois o q̃ vay? dize, dize.

Cal. Vay vozo pliguntar aos malinheiro.

Cham. Ay, não, meu bemzi- nho, dize tu.

Cal. Ay mios amolo!

Cham. Dizes, ou não dizes?

Cal. Torna vozo a pedir toro re- quebraro.

Cham. Não quero: olhem o ca- chorro! *E Cal.*

Cal. Pois não faberá. *Faz que se vay.*

Cham. Ora vem cá, meu Calambuquinho.

Cal. Ay mios menina!

Cham. Ora não me confundas.

Cal. Oya vozó, os Plinceza...

Cham. Sim a Princeza.

Cal. Foi se em bola, mazi o fiôro Araspe; mazi os amo dos malinheiro, mazi os outros, q̄ tambem estava nos cadêa; entende vozó?

Cham. E para onde foraõ?

Cal. Mim não sabe: mazi os mi fiôro Jarba are enforcaros a toros.

Cham. Desgraçada Chamariz! só tú ficastes entre estes perros: q̄ ha de fer de ti? *Chora.*

Cal. Ay não chole mios menina: oya vozó que se chola, os pay Calambuco tambem chola. a. a. a.

Cham. Coitadinha, que hey de fazer?

Cal. Oya, vozó are cazar com-migo.

Cham. Olha tú cachorro, caõ, negro, não te deyte eu os dentes fora. *da-lhe.*

Cal. Tenha vozó mão, afaça, afaça, que eu não far vozó os cativo.

Cham. Olhem Silene como se lembrou de mim, olhem como me pagou o amor, que lhe tenho. *Chora.*

Cal. Ay que mim more de pena! *Faz que chora.*

Cham. Oh velhaco, patife, dezavergonhado, vossie arremeda-me? ora tome. *da-lhe.*

Cal. Arre, Chamarizo, vozó tem os mãos pezara.

Cham. He para que não seja tolo.

Aria a duo.

Cham. Passa fora, caõ, cachorro.

Cal. Vozó tambem sa cadera.

Cham. O' cachorro, espera, espera,

Que os olhos te hey de facar. Vay roer osso, anda vay.

Cal. Os teus carne.

Cham. Não não não.

Cal. Pozi o que?

Cham. Hum bofetaõ.

Cal. Isso não quelli eu levar.

Cham. Isto he q̄ has de levar. *V.*

SCENA III.

Vastissimo campo; Marinba ao longe, Nãos ancoradas, escale-res junto às margens: de hum lado abarracamento, e exercito formado de Eneas, do outro os soldados Getulios.

Sabe Eneas.

Eneas. Nobres Troyanos, he chegada a hora, em que haveis de mostrar a vossa fem seguda valentia: se neste primeiro arremesso fahis victoriosos, poreis terror aos mais, para que contra nós se não esforcem; bem reconheceis que não gladiais junto a vossos alojamentos, dos quaes ef-

esperéis soccorro ; pois outro a qui não tendes mais que viver matando , ou batalhar rezistindo : Eneas vos esforça , e vos acompanha ; pois acção de tanto nome nos ha de fazer eterno o nosso.

Sabe Usmida , e Araspe.

Arasp. Valorozo Eneas : tens a teu lado quem só dezeja a vida , para ta sacrificar : aos teus soldados se tem unido parte das auxiliares tropas de Jarba ; aborrecendo o serviço , que fazem a hum Rey tyranno ; e pois os Deozes tanto te favorecem , que dūvida póde haver q̄ te exima de já cantar victoria.

Usm. A mim pouco me fica que offerecer-te quando por duas vezes me destes a vida ; hūa em Carthago , outra na Mauritania.

Eneas. Amigos , não me pertence a mim menos esta batalha , q̄ a cada hum de vós ; pois se eu nella busco vingar amorte de huma Rainha , a ti te pertence pela confervação do teu amor ; e a ti , Usmida , pelas affrontas , que do tyranno recebestes.

Sabe Silene.

Sil. Portentozo Heróe , já que tanto a tempo nos vieraō teus auxilios , a teu lado me acharás brandindo a lança , e movendo a espada ; pois como

tanto me pertence avida de Araspe , e estes successos são contingentes , se a victoria se ordenar pelos nossos inimigos , o que os Deozes não permittaō , quero antes perder a vida no conflicto , que experimentar segundo captivo.

Arasp. Retira-te , retira-te , bellissima Silene , á tenda de Eneas , não te exponhas aos golpes , a que rezistir não podes ; que como a nós a justiça nos assiste , os Deozes esforçarão os nossos pullos.

Eneas. Sim , retira-te Silene ; pois aqui podes de alguma forma estorvar o nosso cuidado : e para que na retirada não perigues , eu te acompanho , e Araspe ; e tu , Usmida , vay dispondo os Guerreiros em quanto os inimigos se não ajuntaō.

Vai-se

Sil. Devo obedecer-vos. *Vay-se.*

Usm. A meu cargo fica o mayor cuidado. *Retira-se ao bastidor.*

Sabe Jarba , Emilio , e soldados.

Jarb. Emilio , que julgas desse atrevido ?

Emil. Ah senhor ; não deixo de capacitar-me que he temerario : Araspe acompanha com muitos auxiliares nossos , que a seu mando reduzio ; com que , os futuros cazos só os Deozes os podem conhecer.

E ii *Jarb.*

Jarb. E sem duvida he Eneas o tal disfarçado Olinto?

Emil. Assim mo seguráraõ.

Jarb. Não sey como não estalo de pena; tendo nas minhas mãos o meu mayor inimigo, dar-lhe quartel, e tempo para que contra mim fulmine estragos! ah!.....

Emil. O desconhecimento te fez compassivo: porém Araspe rebelar se contra o seu Soberano!

Jarb. Ah, não me lembres esse traidor: os instantes, q̄ perco de tirar-lhe a vida, me parecem seculos: apresla, apresla os soldados, e de-se abatalha; que como estes perfidos me deyxaraõ a vida, brevemente na minha espada renderão os alentos.

Emil. Vós, Africanos valentes, não tenho que vos lembre mais, que na presença do vosso Monarcha esgremis contra que n pertende injustamente privá-lo do Throno; cada hũ de vós faça por adquirir o premio, que o Soberano lhe tem aparelhado.

Sabe Eneas, Araspe, e Usnida.

Jarb. E milio, e não são aquelles os mentidos?

Emil. Elles são, que ao seu exercito chegou.

Jarb. A tua conta deixo os Soldados; determina os ataques, exforça-os com a tua prezé-

ça, que en vou dar principio ao combate, accommettendo braço a braço ao tyranno Eneas. *Partindo.*

Emil. Não exponhas Senhor a gloria

Jarb. Já não pôde ter demora o soffrimento: *Chega-se para*

Eneas. Oh já, mentirozo Olinto; que intentas com esse militar apparatus?

Eneas. Tempo já não he de calar meu nome: não sou Olinto, sou que nunca se atrevo á obrar como temerario, nem jámais obrou audacias como atrevido: sabe pois, que eu sou aquelle

Jarb. Sim sey que es Eneas; e que podendo eu ter-te dado a morte, te hospedey no meu Palacio, para agora contra mim empunhares as armas: mas tanto me condoo de teu temerario intento, que te peço que delle deziſtas; e restituindo-me os priziopeiros, q̄ me roubastes, e aquelle traidor, *para Araspe*, embarca a tua soldadesca, e parte, que eu te perdo o atrevimento.

Eneas. Não he esse o conhecimento, que te tem dado a minha espada do meu valor: esses meismos prizioeiros, aquelle, a quem chamas traidor, e de Dido a violenta morte, tudo clama pelo teu castigo:

tigo: este te pertendo dar: e se a inda na tua lembrança vive a vida, que em Carthago te otorguei quãdo a meus pés rendido, empunha esse alfange, e verás que depressa te sey tirar o que antaõ te concedi.

Jarb. Agora he que tu conhecerás como me sey despicar dessas affrontas, e o fizera lá mesmo, se tú, embarcando-te nos teus possantes lenhos, não frustraras por estaõ o teu estrago, o que terás agora; empuntra, que ao teu braço nada temo. *Tira a espada.*

Eneas. Não será a primeira vez que delle sejas vencido. *Tira a espada, e brigaõ.*

Jarb. Emilio, soldados, como assim pacíficos

Eneas. Sim, todos seraõ victimas dos meus furores.

Investem os Soldados com Usmida, e os outros.

Emil. Agora pagarás todas as offensas, que me fizestes: morre infiel.

Emilio, e Araspe, todos se retiraõ brigando, menos Eneas, e Jarba, que sempre combatem.

Eneas. Acaba traidor. *Retirando-se.*

Jarb. Ay de mim, mortal me sinto ferido.

Eneas. Rende-te, ou te mato.

Jarb. Já falta o alento; o sangue corre; sim, te podes jactar de

que me vencestes, quando os espiritos me desãparaõ. *cabê.*

Eneas. Levanta-te cobarde, que a vida segunda vez por agora te concedo, para teu mayor flagello. *Jarba levanta-se.*
Sabe Araspe, e Emilio combatendo.

Arasp. Rende as armas, se não tiro-te a vida.

Emil. Ah! tens a espada, que para movê-la já dezalenta o pulso.

Jarb. Ah vassallo infiel! ah falso Araspe!

Arasp. Ainda em Jarba respiraõ os vitæes alentos! Ah, que nelle não posso pôr os olhos. *á parte.*

Sabe Usmida com alguns soldados.

Usm. Já podes, ó invicto Eneas, empunhar sem opposiçaõ o Ceptro desta Monarchia; já te rêdem vassallagem aquellos, que timoratos da morte mais estimaõ as vidas, que de Jarba o dominio, e talvez a isto mesmo os incita a sua rigoridade.

Vozes dentro. Viva Eneas, e Jarba morra.

Jarb. Ah perfidos Vassallos!

Eneas. Usmida, eu só quero para gloria do meu triunfo, que seja o trofeo, o que opublique.

Sabe pela parte de Eneas Silene, e pela outra Arminda, e Chamariz,
Sil.

Sil. Os parabens da victoria, ó invicto Eneas, a mim só os devo dar, porque todos redundão em minha gloria.

Arm. Como, ó pay, te vejo neste estado?

Jarba. Não venhas, ó filha, duplicar-me o martyrio; se até aqui fomos arbitros do Cepetro, hoje nos vemos cativos no proprio Reyno, que dominavamos!

Cham. Agora fujo eu para minha ama, que desta não quero nada.

Arasp. Ah, que esse he o meu excelso gosto!

Arm. E tú, Olinto, fostes o executor de tanta crueldade?

Eneas. Não, Princeza, não fuy mais que hum vingador das offensas, e morte de hũa Rainha; restaurador de innocentes, e flagello da soberba de teu pay.

Sil. Fostes hum Heróe, hum valente guerreiro, e hum symbolo de piedade.

Emil. Oh, como não estálo de pena!

Eneas. Araspe, amigo, eu quando empreendi esta vingança não foy para me utilizar do Throno, ou Estados de Jarba; só foy para faciar o odio, que lhe tenho, pela crueldade com que em Carthago se portou na minha separação: o meu intento só era fazer

em Mauritania, o mesmo que fez Jarba em Cartago; mas como os Deozes, compadecidos destes povos opprimidos pela crueldade do Rey, te destinaraõ meu parcial, tú te utiliza do Throno, e fazes por conservar em paz os teus Reynos, tratando os Vassallos com amor, e piedade na posse de Silene.

Sabe Calambuco retirando-se de Balandráo.

Cal. Mi fiore, acore a mim, que os malinheiro me quelli matar. *Chega-se a Jarba.*

Bal. Hey de-me agora pagar de tudo.

Jarba. De mim te aparta, aos vencedores implora piedade, que de mim já nada podes esperar.

Cal. Siores blanco acore-me. *Para Eneas.*

Eneas. Suspende Balandráo, deixa-o.

Bal. Não tivestes máo padrinho.

Cham. He bem valente! *Para Balandráo.*

Arasp. Tanto me obriga o teu Regio favor, q sempre te se-rey-feudatario; reconhecendo que a Purpura te devo: e tú, bellissima Princeza, se por te veres em liberdade não recuzas a minha mão, com aquelle affecto, que

Sil.

sempre te dediquey , ta offereço.

Sil. Não posso recuzar o que a alma appetece ; e se tanto amparo te devo, desprezar a tua offerenda , fora mostrar-me prototypo de ingrati-doens. *Daõ as maõs.*

Eneas. Usmida , conduze esse tyranno Jarba para bordo , q̄ quero ver meu prizioneiro ; para que distante dos seus Estados a vida perca.

Jarb. Não fazes bem em me deixar por mais tempo a vida, que pôde ser ainda te sirva de mayor ruina.

Usmida. Vem perjuro.

Jarb. Lembra-te que ha pouco fostes meu prizioneiro, e que posto me veja cativo , não perdi o ser de Rey.

Eneas. Tudo perdestes pela tua tyrannia : levem-no.

Arm. Manda , manda que ao pay a filha acompanhe ; pois em tantos martyrios lhe servirey de consolação.

Eneas. Sim , acompanha-o se queres.

Arm. Ao menos nas azas da esperança vou surcando os mares. *Vai-se com Jarba Usmida, e soldados.*

Eneas. Tú , Emilio, obedece ao teu Soberano , com fidelidade te conserva ; que como he magnanimo , sabera premiar os teus merecimentos.

Emil. Ah ! meu Rey , se para a tua satisfação falta alguma victima , em mim a tens voluntaria. *para Arasp.* toda a industria precisa quem a vida conservar dezeja. *á part.*

Arasp. Emilio, tudo foy preciso para o nosso intento : reconheço a tua fidelidade , e observarás quanto te estimo.

Sil. Ah Eneas , que os Deozes te guardaraõ sempre para meu allivio.

Cham. O' minha senhora , estimo muito : olhe, a mim sempre me pareceo que estavas guardada para Rainha.

Sil. Agradeço o teu affecto.

Bal. Ora , senhor Eneas , já agora sey ao que a esta terra viemos, e que abalamos ; pois visto isso , deyx a que primeiro esta rapariga cõmigo caze.

Cal. Não q̄ vozo vasse embola.

Sil. Chamariz , tú queres ir ?

Cham. Não minha senhora , quero ficar com vossa Alteza.

Sil. Estimo a tua fidelidade.

Bal. Não tenho que esperar. *á p.*

Cal. Sioro Araspa , mim quelli ser seus cativo.

Arasp. No Palacio te conservarás.

Bal. E ha de este cachorro ficar com a rapariga ! paciencia , que quem se aluga pelo S. Miguel não he senhor de si cada vez que quer : a deos senhora Chamariz.

Cham,

Cham. Adeos , senhor Balan-
drão.

Araſp. E para que, ó Eneas ,
ſempre ſe conferve em per-
petua alliança a noſſa amiza-
de, em toda a occaziaõ acha-
rás a Araſpe teu ſubdito , q̃
poſto hoje me adorne do re-
gio character , ao teu valor, e
affecto he que devo eſta ele-
vação : e pois ainda não em-
barcas , vamos, vamos amigo
a celebrar em Palacio tanto
triuſfo.

Eneas. Vamos , e veja o mún-
do abatida a ſoberba e triun-
fante a urbanidade.

Coro.

Ditoſos ſe vejaõ
Noſſos Soberanos ;
Izentos de dãos
Livres de rigor ,
E decantem ſempre
Nobres idéas
O valor de Eneas
De Araſpe o amor. *Vão-ſe.*

LISBOA:

Na Officina de DOMINGOS GONSALVES;

Anno MDCCLXVII.

Com todas as licenças neceſſarias.

